

## DIÁLOGO INTERCULTURAL E MEDIAÇÃO EM DEBATE

A sociedade contemporânea e, concretamente, a europeia, é uma sociedade multicultural, multiétnica, multirreligiosa onde a diversidade é simultaneamente uma riqueza, uma exigência e um desafio ao desenvolvimento do pensamento e de interações positivas e enriquecedoras para as pessoas e para as comunidades. Conscientes deste repto, concordamos com Nausbaum (2009) quando salienta três condições essenciais que deverão estar presentes nas sociedades democráticas, globalizadas e multiculturais: i) a capacidade de autocrítica e do pensamento crítico sobre as próprias tradições e costumes; ii) a capacidade para se ver a si mesmo como membro de um Estado e de um mundo heterogéneo; iii) a capacidade de pensar colocando-se no lugar das outras pessoas.

A convivência pacífica e construtiva na diversidade tem efeitos sustentáveis e multiplicadores a diferentes níveis: familiares, organizacionais, comunitários, nacionais e internacionais. A comunicação positiva, o diálogo intercultural e transformador, a mediação são requisitos importantes e necessários para a construção de sociedades plurais, pacíficas e construtivas. Práticas sociais e educativas como a negociação e a mediação favorecem o pensamento crítico e permitem inaugurar outros modos de interação cuja lógica se articula numa base do reconhecimento das diferenças e das identidades.

À mediação corresponde a arte de pôr em relação, de facilitar a comunicação e promover diálogos transformadores, de fazer laços. Astier (2011, p. 63) reconhece que a mediação responde às características da sociedade atual: globalizada, em rede, complexa, onde desponta uma exigência de “flexibilidade geral”. Esta flexibilidade para acolher e articular universos diferentes e múltiplos é uma das características da mediação e um dos grandes desafios da atualidade.

A sociedade contemporânea sofreu, num curto período de tempo, alterações radicais na sua organização, nas suas condições e nos seus valores, o que requer a incorporação de categorias de pensamento complexo para entender o que tendemos a simplificar e agir no âmbito de uma racionalidade comunicacional (Habermas, 1984) aberta à pluralidade do pensamento objetivo e subjetivo, à diversidade cultural e ao diálogo intercultural.

Como sustenta Paulo Freire (2003, p. 69), “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. A visão que uma sociedade tem de si mesma e das outras é hoje profundamente influenciada pelos meios de comunicação e outros fornecedores de informação, como a internet. Estes podem constituir uma ponte entre as comunidades e grupos. Neste processo, podem contribuir para gerar conflitos e acentuar diferenças ou, para o diálogo, entendimento e respeito face às diferenças. Considerando os conflitos a que assistimos na atualidade, a educação para os média, para a interculturalidade e para o conhecimento mútuo assume um papel fundamental na construção de sociedades mais inclusivas, justas e igualitárias.

O diálogo intercultural e a mediação foram os temas em debate no II Congresso Internacional de Mediação Social, realizado na Universidade do Minho, em Braga, nos dias 26 e 27 de abril de 2018. *A Europa como espaço de diálogo intercultural e de mediação* foi o tópico que convocou os participantes do Congresso e os vários organismos coorganizadores do mesmo: o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, a Câmara Municipal de Braga, o Alto Comissariado para as Migrações, o projeto europeu CreE.A – Construção de um Espaço Europeu da Mediação Social, a RESMI - Rede de Ensino Superior de Mediação Intercultural. Com o objetivo de proporcionar um espaço de debate interdisciplinar sobre desafios contemporâneos da sociedade atual, este Congresso reuniu participantes provenientes de 13 países (Alemanha, Angola, Áustria, Bélgica, Bielorrússia, Brasil, Bulgária, Espanha, França, Itália, Marrocos, Portugal e Reino Unido) para debate de temas e experiências como a educação intercultural, os estudos culturais, os novos desafios na europa, a comunicação intercultural e a mediação. Este Congresso constituiu, por isso, uma oportunidade de partilha sobre perspetivas teóricas e experiências a partir de olhares e lugares diversos: pessoais e institucionais, geográficos e profissionais o que resultou num programa final com 80 comunicações distribuídas por 22 sessões.

Este livro de atas reúne 30 dos vários textos finais submetidos, os quais foram sujeitos a revisão por pares; organiza-se em quatro partes de acordo com as temáticas dos textos que lhes correspondem.

A primeira, “Educação e interculturalidade”, inclui nove textos que cruzam as questões da diversidade cultural e das relações interculturais através de análises decorrentes de diversas investigações e contextos. Os textos de Alexandra Leandro; Priscila Silva; Juan Olivencia e Hélia Bracons, Giane Lessa e o de Ana Cristina Madeira e Alcinda Reis refletem sobre os desafios e implicações da multiculturalidade nos contextos educativos. A investigação de Hélia Bracons e Juan Olivencia e de Miguel Prata Gomes, Florbela Samagaio, Gabriela Trevisan e Rui Ramalho alertam para a necessidade de capacitar e sensibilizar os profissionais da área social para o trabalho em contextos multiculturais, analisando-se os desafios com que os mesmos se deparam. Por fim, os trabalhos de Paulo Manuel Costa, Lúcio Sousa, Bárbara Bäckström, Olga Magano e Rosana Albuquerque; Ana Piedade e Priscila Silva exploram a problemática das migrações e dos refugiados, analisando o papel da sociedade, das instituições de acolhimento e instituições escolares perante esta realidade.

Da segunda parte, “Comunicação, política e artes”, constam sete textos que exploram os desafios com os quais se confrontam as políticas de comunicação e as políticas culturais na atualidade. São, ainda, analisadas expressões culturais e artísticas nas áreas da música, do cinema e da museologia. Os trabalhos de Marina Polo, Mafalda Lobo e Inês Rebanda Coelho oferecem uma visão sobre as políticas europeias nos setores da economia, da comunicação e do audiovisual. Os textos de Luca Bussotti; Conrado Oliveira e Priscila Silva; Gabriela Brandão; Fernanda de Andrade e Lúcia Matos, partindo de uma pluralidade de olhares, contribuem para a reflexão sobre o impacto das políticas europeias na realidade nacional, e para o debate sobre o papel dos produtos culturais e artísticos na divulgação de perspetivas alternativas, dando voz a atores sociais menos visíveis na esfera pública, promovendo, deste modo, o conhecimento mútuo e o diálogo intercultural.

A terceira parte, “Contextos e práticas de mediação”, congrega sete textos que refletem sobre experiências de mediação intercultural e inclusão, comunicação não violenta e negociação, mediação de conflitos e mediação familiar em diversos contextos. As autoras Margherita Cestaro; Malak Oussidhoum; Filomena Carvalho; Marialva Tomio e Vanessa de Fraga; Susana Monteiro e Filomena Carvalho; Valéria Vaz Boni e Rosa Sequeira; Isabel Fonseca e Cláudia Figueiras visibilizam e discutem possibilidades, paradoxos e desafios da mediação na contemporaneidade.

Na quarta e última parte do livro, sob o tema “Desafios sociais e políticos: discursos e experiências”, inscrevem-se textos proferidos na sessão

de abertura e de encerramento do congresso e vários relatos de experiências de mediação em desenvolvimento, nomeadamente em França e Espanha. Os textos de Birgit Van Hout, Laura Magalhães, André Moisan e Hibat Habib refletem sobre os desafios sociais e políticos que emergem na Europa reconhecendo à mediação um papel importante no quadro das políticas públicas e salvaguarda dos direitos humanos. Nicolas Niscemi e Lamine Thiam apresentam o trabalho desenvolvido no âmbito da mediação social e intercultural por duas associações francesas: a AFPAD e a PROMEVIL. Ousseynou Dieng apresenta um enquadramento da mediação intercultural concretizada pela associação Sevilha ACOGE em Espanha.

Os textos que integram este livro oferecem leituras e perspetivas declinadas em diversos olhares, sejam eles de natureza teórico-epistemológica, praxeológica, metodológica ou política, todos eles refletindo a natureza plural da cultura, da ciência e da ação humana e cumprindo os objetivos do debate, mesmo que limitado aos autores destes textos, sobre o diálogo intercultural e a mediação.

## REFERÊNCIAS

- Astier, I. (2011). *Médiation sociale et nouvelles éthiques professionnelles. Éducation Permanente*, 189, 63-71.
- Freire, P. (2003). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Habermas, J. (1984). *The theory of communicative action. Vol 1. Reason and the rationalization of society*. Boston: Beacon Press.
- Naussbaum, M. C. (2009). Education for profit, education for freedom. *Liberal Education*, 95, 6-13.

### Citação:

Costa e Silva, A. M., Macedo, I. & Cunha, S. (2019). Diálogo intercultural e mediação em debate. In A. M. Costa e Silva, I. Macedo & S. Cunha (Eds.), *Livro de atas do II Congresso Internacional de Mediação Social: a Europa como espaço de diálogo intercultural e de mediação* (pp. 6-9). Braga: CECS.